

CATOLICISMO NEGRO E PROTAGONISMO FEMININO NO BARRACÃO DE TIA GERTRUDES NA AMAZÔNIA AMAPAENSE

BLACK CATHOLICISM AND FEMALE PROTAGONISM IN THE BARRACÃO DE TIA GERTRUDES IN THE AMAPÁ-AMAZON

Marinilson Barbosa da SILVA

<marinilson@gmail.com>

Pós-Doutor em Teologia Prática pela Faculdades EST, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (PPGCR - UFPB)

João Pessoa, Paraíba, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9320767757082850>

<http://orcid.org/0000-0002-5163-5669>

Alysson Brabo ANTERO

<alysson.antero@academico.ufpb.br>

Doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
Professor da Rede de Ensino Estadual do Amapá (SEED-AP), Macapá, Amapá, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1847403668101377>

<https://orcid.org/0000-0001-8419-7717>

Marineide Felix de Queiroz BRITO

<felixmarineide@gmail.com>

Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde de Goiana (SESAU), Goiana, Pernambuco, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7183941565269901>

<http://orcid.org/0000-0001-9264-9568>

RESUMO

O artigo discorre sobre o protagonismo feminino em uma das maiores manifestações culturais e religiosas do Estado do Amapá: o Ciclo do Marabaixo. Com o objetivo de investigar a participação de mulheres nesse festejo, realizou-se um estudo na fronteira da pesquisa teórico-bibliográfica com averiguação de campo, através do método etnográfico. Norteando-se por categorias de análise como catolicismo negro (Zouza, 2002; 2012), mito (Eliade, 2016), entre outras, a investigação inferiu que o Ciclo do Marabaixo é expressão de devoção afrocatólica no Amapá e se desenvolveu sob o protagonismo de três mulheres negras que foram capazes de desempenhar papéis de liderança, mantendo viva a tradição e questionando as estruturas racistas, machistas e misóginas presentes até hoje na sociedade amapaense. Sem pretender romantizar a participação dessas mulheres no festejo, a relevância científica desse trabalho encontra-se em valorizar histórias de vida reais, inerentes ao catolicismo negro no Amapá, que foram importantes para a preservação e manutenção do Ciclo do Marabaixo na cidade de Macapá, AP.

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo negro; Marabaixo; mulheres negras; liderança; devoção.

ABSTRACT

This paper discusses about the role of women in one of the greatest cultural and religious manifestations in Amapá state, in the far north of Brazil: the Marabaixo Cycle. To investigate the participation of women in this celebration, a study was carried out on the frontier of theoretical-bibliographic research with field



investigation, using the ethnographic method. Guided by categories of analysis such as black Catholicism (Zouza, 2002; 2012), myth (Eliade, 2016), among others, the investigation inferred that the Marabaixo Cycle is an expression of Afro-Catholic devotion in Amapá and was developed under the protagonism of three black women who were able to play leadership roles, keeping the tradition alive and questioning the racist, sexist and misogynist structures present until today in the society of Amapá. Without intending to romanticize the participation of these women in the celebration, the scientific relevance of this work lies in valuing real life stories, inherent to black Catholicism in Amapá, that were important for the preservation and maintenance of the Marabaixo Cycle in the city of Macapá, AP.

KEYWORDS: Black catholicism; Marabaixo; black women; leadership; devotion.

1 INTRODUÇÃO

O Estado do Amapá situado no extremo norte do Brasil e na Amazônia oriental é um território relativamente novo enquanto unidade federativa, pois, tornou-se Estado com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Apesar disso, acumula um legado de mais de dois séculos de história, que remonta ao período da colonização. No campo religioso, dados do censo de 2010 dão conta que a religião católica é a predominante, seguida das múltiplas denominações evangélicas, sem religião e espíritas. As religiões classificadas como afro-brasileiras aparecem com percentual inferior a um 1% da população (IBGE, 2010).

No norte do país quando se ouve falar de religião afro-brasileira, de imediato pensa-se no candomblé ou na umbanda, as duas expressões mais conhecidas na região. Sabe-se, porém, que a religiosidade afro-brasileira é profunda e complexa, reduzi-la a um único padrão ou modelo é incorreto e superficial (Silva, 2005). Em consonância com essa ideia, Marina de Mello e Souza (2012) pondera que a ligação de elementos afro-religiosos com o catolicismo estava em curso na África antes mesmo da travessia do Atlântico, por consequência, no Brasil, a religiosidade afro-brasileira não se restringe às religiões de terreiros, antes, pode incluir também o catolicismo exercido pelos afrodescendentes dentro das irmandades religiosas e festas de santos. Essa religiosidade praticada por brasileiros negros em estruturas da religião católica denomina de catolicismo negro.

Com isso em perspectiva e como educadores e pesquisadores do campo religioso na Amazônia, tivemos a curiosidade de averiguar como ocorre a participação de mulheres em festejos afro-católicos no Estado do Amapá para além do apagamento da história oficial. Dessa forma,



traçamos um plano de estudo na fronteira da pesquisa teórico-bibliográfica com investigação de campo de caráter etnográfico.

Para Rodrigues (2018), a etnografia é um método de investigação que permite ao pesquisador mergulhar num contexto social e cultural específico, geralmente por meio da observação-participante, para atentar às relações, posições e papéis que os atores sociais ocupam e desempenham. Com efeito, concordamos que tal método poderia fornecer dados que outros instrumentos não seriam capazes de captar, sobretudo, por nos aproximar ao mundo vivido dos sujeitos investigados e, não menos importante, considerar os atores sociais como fontes de informações que possuem legitimidade para falar de suas experiências.

Por sua vez, Umberto Eco (2009, p. 10) diz que em estudos científicos, “quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha”. Diante dessa orientação, elegemos como objeto do estudo uma manifestação cultural e religiosa do Estado do Amapá conhecida como o Ciclo do Marabaixo. A investigação *in loco* concentrou-se em um dos locais onde o festejo é realizado todos os anos: Barracão Tia Gertrudes, localizado atualmente na área central da cidade de Macapá.

Antes dessa pesquisa, conhecíamos o Marabaixo através de reportagens televisivas e leituras de artigos disponíveis na internet. Porém, de forma lenta e gradual, começamos a participar dos festejos e conhecer integrantes e estudiosos do movimento que facilitaram nossa aproximação ao campo, antes mesmo da etnografia *in situ*, que aconteceu entre março e junho de 2014, envolvendo como principais interlocutoras mulheres responsáveis pela execução do festejo e outras de importância histórica para comunidade afrodescendente no Amapá.

O diário campo, uma máquina fotográfica, um gravador de voz e um questionário de perguntas usados nas entrevistas foram os instrumentos que deram suporte à investigação. A análise e interpretação dos dados da pesquisa efetuaram-se conforme uma das correntes compreensivas das ciências sociais, conhecida como “Método de Interpretação de Sentido”, que busca descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos pelos sujeitos investigados e para além das aparências do que está sendo comunicado (Gomes, 2008).



O resultado dessa empreitada apresentamos em dois momentos: o primeiro expõe o que é o Marabaixo e quais elementos o torna expressão de um catolicismo negro na Amazônia e analisa também os aspectos histórico e mítico sobre o início dessa manifestação. Na segunda parte, apresenta-se trechos de depoimentos que discorrem sobre o protagonismo de três mulheres negras de uma mesma linhagem familiar para a manutenção da tradição que passou a identificar a identidade cultural do povo do Amapá (Videira, 2009).

Como última instância, o trabalho não visa romantizar a participação das mulheres em festejos religiosos, mas sim, conhecer e dar conhecimento às histórias de mulheres negras da Amazônia amapaense que foram capazes de desempenhar papéis de liderança, manter viva uma tradição e questionar estruturas racistas, machistas e misóginas presentes até hoje na sociedade.

2 MARABAIXO: EXPRESSÃO DE UM CATOLICISMO NEGRO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Segundo o “Dossiê de Registro do Marabaixo” (BRASIL, 2018), elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Marabaixo pode ser compreendido como uma forma de expressão cultural elaborada em comunidades afro-amapaenses, manifestada especialmente por meio da dança e cantigas embaladas por toques de caixas. Em 2018, o IPHAN reconheceu o Marabaixo do Amapá como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Esse atual reconhecimento contrasta com décadas de invisibilidade, descaso e perseguição declarada aos personagens sociais e lideranças do festejo. Apesar de anos de apagamento, acredita-se que o empenho de núcleos familiares afrodescendentes, a militância do movimento negro do Amapá e políticas públicas voltadas para demandas da população afro-brasileira contribuíram para manter viva a tradição e alçar certo reconhecimento social.

Em Macapá, o Marabaixo passou a ser conhecido como Ciclo do Marabaixo, devido sua execução acontecer ao longo de aproximadamente dois meses, em paralelo ao calendário de comemorações da páscoa da igreja católica. Em seu período festivo, há missas, corte e levantamento de mastros, novenas, cortejos e distribuição de comidas e bebidas. Um dos pontos altos do festejo são

as rodas de marabaixo¹ embaladas ao som dos tambores (caixas), ladrões² e muita dança. Atualmente, o Ciclo do Marabaixo é realizado simultaneamente em quatro pontos de Macapá. Em cada lugar, um grupo específico coordena o evento em devoção a um ou dois santos, conforme tabela abaixo.

Graf. 1. Bairros, grupos e santos homenageados no Ciclo do Marabaixo em Macapá, AP.

Bairro	Grupo	Santo(a) Homenageado(a)
Julião Ramos	Raimundo Ladislau	Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade
Jesus de Nazaré	Grupo do Pavão	Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade
Central	Berço do Marabaixo	Santíssima Trindade
Central	Raízes da Favela	Santíssima Trindade
Santa Rita	Azebic	Santíssima Trindade

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos registros etnográficos foi possível perceber que os preparativos para a realização do Ciclo do Marabaixo de 2014 no “Barracão Tia Gertrudes” começaram bem antes do período festivo e mobilizaram diversas mulheres negras com grau de parentesco consanguíneo. Nas reuniões, eram debatidas pautas como calendário do festejo, formas de divulgação, confecção de folders, estratégias para engajar patrocinadores, limpeza e ornamentação do barracão, entre outros afazeres.

Para a realização do Ciclo do Marabaixo de 2014, foi colocada uma ampla fachada sobre o barracão em homenagem à Tia Gertrudes, pioneira dos festejos no atual bairro central. Essa herança tornou-se um capital simbólico e uma referência institucional que legitima e dá ânimo para a família continuar dando prosseguimento ao festejo. Internamente, o barracão estava pintado de um verde claro com detalhes brancos. Ao centro, na parede de fundo, ficou a imagem da Santíssima Trindade. O

¹ O termo marabaixo em minúsculo será empregado em sentido geral, indeterminado ou quando se referir a dança ou a caixa. Marabaixo com a primeira em maiúscula será usado quando se referir a manifestação cultural e religiosa ou quando tratar da festividade em si.

² São versos “roubados” das histórias e dramas da vida real da comunidade que viram canções durante as rodas de marabaixo.

teto estava ornamentado com tecidos brancos e azuis que representam a santa. Vários banners foram posicionados ao longo do salão com fotos de pessoas importantes para o Marabaixo, como Tia Gertrudes, Valdomiro da Costa (esposo falecido de dona Natalina) e outros que mostravam comemorações referentes ao dia da consciência negra no Encontro dos Tambores³. Na sequência, apresentamos os principais momentos do Ciclo do Marabaixo de 2014 no Barracão Tia Gertrudes.

Fig. 1. Integrantes do Berço do Marabaixo após reunião para o Ciclo de 2014.



Fonte: Dados da pesquisa.

Marabaixo de Aleluia (19/04) – início às homenagens à Santíssima Trindade dos Inocentes com rodas de marabaixo. Tais rodas consistem em formar um círculo onde no centro ficam os tocadores de caixa e as cantadeiras e, ao redor, homens, mulheres, crianças e idosos põem-se a cantar e dançar. Nos rostos dos participantes, em sua grande maioria negros e pardos, era perceptível ver a alegria e satisfação por estarem ali, participando de mais um Ciclo do Marabaixo.

³ Evento realizado no mês da consciência negra e reúne comunidades negras da capital e do interior do Estado do Amapá. Durante a programação acontecem missas, apresentações culturais, exposições, vendas e shows.

Marabaixo do trabalhador (30/04) – Essa etapa contou com a participação de grupos de marabaixo da área urbana e rural de Macapá. Assim como no primeiro dia, o ponto alto desse momento foram as rodas de marabaixo e, aos convidados, ofereceu-se gratuitamente bebidas (refrigerante, cerveja e gengibirra), além de caldo de carne com verduras.

Fig. 2. Visão frontal do Barracão Tia Gertrudes – Ciclo do Marabaixo de 2014.



Fonte: Dados da pesquisa.

Marabaixo das Mães (11/05) – Essa etapa pareceu uma reunião de família e amigos muito próximos. À noite, o barracão tornou-se um espaço eclético. Além das rodas de marabaixo, a coordenação contratou um cantor para encerrar a programação tocando e cantando músicas populares como brega, forró, lambada entre outras.

Marabaixo do Mastro (24/05) – Essa fase do festejo começou pela manhã, quando os grupos de marabaixo de Macapá foram à Comunidade Quilombola do Cria-ú, 12 km de distância, para apanhar os mastros e os deixaram próximos às sedes das associações. Ao entardecer desse dia, o barracão Tia Gertrudes já estava arrumado e na cozinha o caldo recebia seus últimos preparos. Apesar



de um público numericamente pequeno, a festa foi iniciada ao som de tambores que podiam ser escutados de longe. Durante à noite, a presença de integrantes de outros grupos de marabaixo abrilhantou o evento. Nesse intercâmbio entre os grupos, os jovens são os que mais realizam essa interação. Quando chegam, é quase certo terem oportunidade para tocar, cantar e dançar. Eles tomam parte também nas bebidas e iguarias ofertadas a convidados e participantes.

Atividades Religiosas (06 a 14/06) – Durante nove dias seguidos foram realizadas no barracão novenas em homenagem à Santíssima Trindade. Esses dias são marcados pelo baixo número de pessoas participando e pela dependência ao senhor que reza e canta as ladainhas em um latim aportuguesado.

Marabaixo da Murta (08/06) – Essa é uma das etapas mais cansativas do Ciclo. Ao final da tarde, os participantes concentrados no barracão saíram em procissão cantando, dançando, tocando e soltando fogos de artifícios para apanhar as folhas da murta, a fim de enfeitar o mastro. Depois voltaram para o barracão e formaram rodas de marabaixo que foram até o amanhecer do outro dia. Por volta das 06 horas da manhã do dia seguinte o mastro da Santíssima Trindade enfeitado com as folhas murta foi erguido em frente ao Barracão e o evento encerrou com um café da manhã.

Domingo da Santíssima Trindade (15/06) – Esse momento do Marabaixo começou com os integrantes do Berço indo participar da missa da Santíssima Trindade numa igreja localizada no bairro Nova Esperança. Após a missa, foi oferecido no barracão um “café partilhado”. Por volta do meio dia, foi oferecido um almoço primeiramente a 12 crianças. Quando elas acabam, os demais tomam parte do almoço. O motivo de primeiro serem servidas as crianças está por conta da promessa que a Tia Gertrudes fez à Santíssima Trindade. A programação desse dia continuou pela parte da tarde até o início da noite com atividades de entretenimento para as crianças, principalmente.

Marabaixo de Corpus Christis (19/06) – As festividades em homenagem à Santíssima Trindade estão terminando, mas seus agentes ainda têm ânimo para dançar e cantar ao som de caixas de marabaixo. A gengibirra é bebida indispensável nesse momento. Não falta, também, o caldo de carne com verduras para dar sustância aos participantes.

Domingo do Senhor (22/06) – Última etapa do Ciclo do Marabaixo. Em um final de tarde os participantes reunidos no barracão após intensas rodas de marabaixo saíram do recinto privado e



ganham a rua para derrubar o mastro da Santíssima Trindade. Nesse clima de festa e devoção foram até tarde da noite em meio a sentimentos do dever cumprido, felicidade e êxito por terem realizado mais um Ciclo de Marabaixo.

3 ORIGEM HISTÓRICA E MÍTICA DO MARABAIXO

Não há consenso entre os estudiosos de quando teria começado o festejo do Marabaixo em terras amapaenses. Sheila Accioly e Sandro Salles (2005) apontam o final do século XVIII, no ano de 1792. Fernando Canto (1998), entretanto, cita como registro mais antigo o final do século XIX, precisamente um artigo do Jornal de circulação em Macapá de 1899. Nunes Pereira (1989, p. 20), um dos primeiros estudiosos a fazer uma análise científica sobre essa manifestação, argumenta “que por conta da escassez regional e nacional de literatura informativa sobre o Marabaixo é impossível datar a origem exata dessa manifestação”. Observa-se por esses registros que, do ponto de vista histórico, é impossível determinar com exatidão o início do Marabaixo no Amapá.

Ainda sobre o tema, Piedade Videira (2009, p. 99) diz não ter dúvidas da ascendência africana desse festejo e o classifica como sendo a “maior manifestação cultural de matriz africana do Estado do Amapá”. Outros pesquisadores amapaenses reforçam a compreensão de que o Marabaixo é uma tradição dos povos africanos que chegou ao Amapá nos navios negreiros no período da colonização.

O Marabaixo é hoje uma manifestação cultural afro-amapaense, nascendo assim de diferentes etnias que foram transportadas de suas terras de origem para o Brasil. É uma mistura de dança, religiosidade e ancestralidade africana que tem orgulho, determinação e resistência (Ataíde, 2012, p. 6).

Em detrimento à exatidão da origem histórica do Marabaixo, Heraldo Maués (1995), em investigações sobre o catolicismo popular no Estado do Pará, argumenta que em festas de santos, geralmente há uma origem mítica do festejo e o milagre demarca o início dessas devoções: “esse milagre que sempre esperam de seu padroeiro, é que, no plano das representações, verdadeiramente está na origem da devoção, do culto e da festa do santo e da santa” (Maués, 1995, p. 357). Essa origem mítica pode ser observada no Ciclo do Marabaixo no Amapá.



Para Mircea Eliade (2016) é difícil encontrar uma definição para a palavra mito que satisfaça estudiosos no assunto e, ao mesmo tempo, seja acessível aos não-especialistas. Não obstante, expõe dois sentidos mais usuais para o vocabulário: (1) ficção, invenção, ilusão; (2) narrativa sagrada e verdadeira que oferece significado à existência das pessoas. Em aproximação ao sentido de que o mito é uma história verdadeira por se referir à realidade e, ao mesmo tempo, sagrado por envolver entes sobrenaturais, o autor diz que, em última análise, o mito é sempre uma narrativa que conta a origem, por intervenção de forças sobrenaturais, de uma realidade total como o universo, ou de um fragmento de uma realidade como um continente, ou de um certo comportamento e até uma instituição.

Sob essa perspectiva, é possível identificar no Ciclo do Marabaixo um fato/milagre que demarca o início da devoção. Valendo-se da memória de Dona Maria José Libório (filha caçula de Dona Gertrudes), conhecida como Tia Zezé, o Ciclo do Marabaixo no bairro Central começou em meados dos anos 1950 a partir de um mito fundante, sustentado sobre o tripé: promessa, milagre e cumprimento. Tia Zezé relata que um dia uma de suas irmãs engravidou, porém, ficou acometida de uma complicação muito grave que colocava em perigo sua vida e de seu bebê. Na ausência de recursos médicos e hospitalares, sua mãe fez uma promessa à Santíssima Trindade dos Inocentes que se sua filha e neto sobrevivessem daquele parto delicado, quando a criança completasse 1 ano de idade, ela iria homenageá-la. Decorrido o primeiro ano de vida de seu neto, Dona Gertrudes realizou um Marabaixo para pagar a promessa feita à santa. Tal narrativa, que envolve um fato da vida sendo modificado por intervenção de forças sobrenaturais, marca o início do Marabaixo no bairro central em Macapá: “É assim que se inicia o Marabaixo na Favela”, conclui Tia Zezé⁴.

Correlativamente a essa compreensão, a pesquisa etnográfica nos permitiu constatar que o Ciclo do Marabaixo, enquanto manifestação religiosa ligada à população afrodescendente do Amapá que homenageia santos da tradição católico-romana, imprime na devoção traços da religiosidade afrodescendentes, por consequência pode ser interpretado dentro da categoria de catolicismo negro pelos seguintes motivos: (1) o festejo constitui espaço de culto e reuniões mais ou menos autônomas,

⁴ Entrevista com Tia Zezé em 29 de junho de 2013.



livres e independentes dos sistemas de controle eclesiástico da igreja católica; (2) congrega em seus momentos ritualísticos elementos lúdicos (roda de marabaixo) e religiosos (missas, novenas), coexistindo como parte de um só ritual; (3) possui uma origem que se ancora à linguagem do mito (milagre), sem excluir a linguagem histórica que remete à África como forma discursiva; e, (4) constata-se que quase a totalidade de seus agentes possui cor da pele parda e negra, e as interlocutoras que entrevistamos se autorreconhecem como negras. Assim, por tudo isso, acreditamos que o Ciclo do Marabaixo no Amapá pode ser caracterizado como um festejo afrocatólico.

4 O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS NO CICLO DO MARABAIXO

Sabemos que as mulheres negras desempenharam um importante papel na sociedade brasileira, entretanto, foram documentadamente apagadas pela história oficial escrita por homens brancos. Elas, em especial, sofreram e sofrem inúmeros preconceitos e desafios, mas superaram com garra, fé e apreço pela liberdade. Tamanha resiliência representa um legado para todo nosso povo. Não obstante, a superação das desigualdades sociais, principalmente em relação à população negra no Brasil é um desafio que se impõe e demonstra a necessidade de ter políticas públicas voltadas para atender essa parcela historicamente marginalizada. Sobre a relevância de mulheres negras na constituição da sociedade brasileira Rita Félix (2011), na Cartilha Antirracista da Secretaria Especial de Direitos Humanos de Juiz de Fora, MG, refere pertinentemente

[...] salientamos as inúmeras pretas que estão anonimamente na história e permitiram que a sociedade brasileira chegasse ao que é hoje. São as amas de leite, as cozinheiras, babás, passadeiras, rezadeiras, lavadeiras, domésticas, dentre tantos outros ofícios não reconhecidos e que alicerçaram as famílias negras e não negras no pós-abolição (Félix, 2011, p. 4).

Na Amazônia amapaense, em meio a outras mulheres de igual valor, podemos destacar o protagonismo de Dona Gertrudes da Silva Gaia e seu trabalho em prol do respeito à liberdade religiosa afro-brasileira de sua comunidade que ajudou a manter viva a tradição do Marabaixo na cidade de Macapá. Em entrevista com Tia Zezinha⁵, contemporânea de Dona Gertrudes, o primeiro Marabaixo

⁵ Entrevista com Tia Zezinha em 14 junho de 2014.



no atual bairro central ganhou tanta repercussão que algumas autoridades da cidade procuraram Dona Gertrudes para solicitar a continuação das homenagens no ano seguinte. Entretanto, acredita-se que ela não tinha a pretensão de realizar o Marabaixo todos os anos, afinal, “não era fácil manter a promessa, pois havia muitos gastos e demandava muita energia”⁶. Por repetidas vezes, Tia Zezé testemunhou o esforço de sua mãe em economizar dinheiro o ano todo para arcar com os gastos do período da festa. Lembra que, em certos serviços, sua mãe, ao invés de receber o pagamento, deixava acumular para retirar todo de uma vez, próximo à realização do evento.

Segundo Tia Zezé, à época de sua mãe, a festa era realizada “de próprio punho”. Não havia ajuda de governo e nem distribuição de roupas⁷. Cada participante se arranjava de acordo com suas condições, mas a solidariedade era uma marca desse período. Sobre o ânimo dos promotores do Marabaixo à época de Dona Gertrudes, Pereira (1989) escreveu:

Trabalhando em lavoura e criação de animais domésticos, bem como empregando-se em serviços particulares e da administração do Território, os promotores do Marabaixo, muitas vezes, tiram de suas próprias economias os recursos necessários para aquele sucesso, mas, acima desse selo, o que os anima é a força da tradição, tão acorde com suas origens étnico-históricas, de descendentes de africanos, e tão ao feitio de sua condição social, de operários, lavradores e domésticos (Pereira, 1989, p. 100).

Dona Gertrudes Saturnino viveu sua infância na cidade de Mazagão, interior do Estado do Amapá. Na vida adulta, mudou-se para a capital Macapá, acompanhando seu esposo que veio trabalhar no recém-criado Território Federal do Amapá. Narrando o enredo da vida de sua mãe, a quem era muito apegada, Tia Zezé lembra da garra e coragem de sua genitora que, mesmo vivendo por longos anos sem o apoio do esposo, nunca renunciou à dignidade para sobreviver. Sendo analfabeta, o máximo que conseguiu, na então recente máquina administrativa do Território do Amapá, foi trabalhar como cozinheira e lavadeira do então governador.

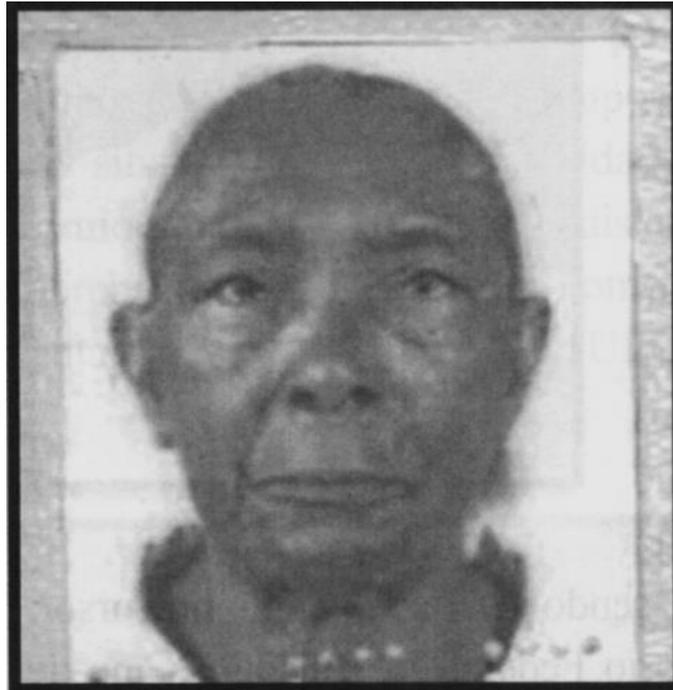
Como a renda não era suficiente, para aumentar os ganhos, tia Zezé lembra que sua mãe saía pela manhã para comprar açaí. Trazia os caroços em panieiros na cabeça, amassava os frutos

⁶ Entrevista com Tia Zezé em 29 de junho de 2013.

⁷ Contemporaneamente os grupos de Marabaixo passaram a receber recursos em dinheiro dos governos estadual e municipal para a realização da festa.

com as próprias mãos, e Tia Zezé saía para vender. À noite, sua mãe ia quebrar pedras para construção de bancos da praça central. Em certas ocasiões do ano, a frente de sua casa era alugada para realização de festas.

Fig. 3. Tia Gertrudes (1906 – 1972).



Fonte: Alci Jackson (2014, p. 113).

Pelos relatos, verifica-se que a história de vida de Dona Gertrudes não foi fácil, pelo contrário, na ausência de formação escolar, os trabalhos que conseguia eram em serviços duros. Sobre essa questão, até hoje a mulher negra no Brasil tem dificuldade de se colocar no mercado de trabalho, tanto que o ofício doméstico é uma das principais formas de inserção de mulheres negras no mundo do trabalho, geralmente com baixa remuneração e sem direitos trabalhistas. Não obstante, em meio à dureza da vida, Dona Gertrudes mostrava resiliência e cultivava uma fé expressa na forma como participava dos festejos de Marabaixo.

Tia Zezé recorda que nos períodos que antecediam o Marabaixo, sua mãe confeccionava sua própria caixa que mais tarde seria usada nos festejos: “A mamãe fazia questão de me ensinar a



tocar caixa e foi com ela que eu aprendi”⁸, conta orgulhosa. Dona Gertrudes participava do Marabaixo não apenas como dançadeira, mas também como tocadora de caixa. Através da memória de quem a conheceu, é tida como a primeira mulher a tocar caixa de marabaixo. Nas entrevistas com os atores sociais do festejo, todos sabem de sua existência e a reportam com respeito e admiração.

A primeira mulher a tocar tambor no Ciclo foi a Tia Gertrudes. Antes dela, ninguém fazia isso. Tia Gertrudes tocava e cantava. Ela ensinou sua filha, Maria José (Tia Zezé). Quando a Tia Gertrudes morreu, sua filha continuou⁹.

Tia Zezinha revela um pouco da personalidade de Dona Gertrudes narrando um episódio que a marcou. Certo dia, Dona Gertrudes foi convidada por seu compadre Joaquim para participar das homenagens ao Divino Espírito Santo, na localidade de Igarapé do Lago, distante a alguns quilômetros de Macapá. Ao chegar no local, sentiu seu Joaquim nervoso e falando que não teria mais festa. Dona Gertrudes indaga o motivo, afinal, tinha se deslocado de tão longe. Ele explica que na localidade estava uma professora vinda de Belém do Pará, de nome Araçari, filha de seu João Honório, homem rico da região.

A professora Araçari, assim que soube que seu Joaquim tinha convidado as cantadeiras para participarem, disse que não queria ver essas “negas de cumbumbum”, pois o que elas tocam é “pajeroba”. Seu Joaquim tentou explicar que não era bem assim, era marabaixo, uma dança que veio da África. A professora insistia dizendo que era macumba. No fim, a professora dá um ultimato: se ela escutasse barulhos de caixas, chamaria a polícia para prender a líder desse batuque, juntamente com seu Joaquim.

Vê-se por esse relato que à época de Dona Gertrudes o Marabaixo encontrava resistência de parcela da sociedade. Pereira (1989), Canto (1998) e Lima (2011) expõem narrativas em que a Igreja Católica se opunha à realização do Marabaixo com explícitos discursos misóginos em relação as mulheres que participavam do festejo, conforme se vê em depoimento atribuído ao Padre Júlio Maria Lombard, vigário da paróquia São José de Macapá entre os anos 1916-1923:

⁸ Entrevista com Tia Zezé em 29 de junho de 2013.

⁹ Entrevista com Laura Silva em 21 junho de 2013.



Que o mar-abaixo é indecente, é o foco de misérias, o centro da libertinagem, a causa segura da prostituição, asseveramos. Que os pais de Família, não devem consentir as suas filhas e esposas frequentarem tão inconveniente e assustador espetáculo de dança oriunda dos cafres, aconselhamos, para darmos belo e edificante e moralizador exemplo de civilização (Canto, 1998 *apud* Lima, 2011, p. 76).

Apesar disso, Tia Zezinha continua narrando, Dona Gertrudes não se preocupou e disse que participaria das homenagens e criou um verso de ladrão diante do fato com o seguinte refrão:

Bate negro que branca não vem cá
E se ela vir pau ela vai levar
O rico não vai para o céu nem que seja um rezador
Seus pecados são tantos que abalam Nosso Senhor¹⁰.

Tia Zezinha finaliza dizendo que Dona Gertrudes era uma “preta destemida”, uma “negra atrevida”. Sua voz e a batida dos tambores eram ouvidas e conhecidas de longe. Percebe-se assim, pelos depoimentos, que Dona Gertrudes, antes mesmo de se tornar uma festeira promesqueira, ou seja, responsável pelo Marabaixo no seu bairro, já participava de outros eventos, o que transparece que gostava de participar e não apenas como dançadeira ou cantadora, mas também como tocadora de caixa de marabaixo.

Tais informações confirmam a asserção de Antero (2015) que para Tia Gertrudes os momentos festivos de devoção à santos católicos, embalados aos toques dos tambores e cânticos de louvação, representavam um alento, um conforto, uma experiência com o sagrado que renovava suas forças e mantinha sua fé. Em suma, Dona Gertrudes Saturnino foi mulher negra, esposa, mãe, avó, analfabeta, autodidata, mestra na arte de tocar, compor e cantar, por toda sua história de vida e fé é reconhecida por sua liderança, fez uma promessa e a cumpriu e deixou um legado para familiares e amigos.

Com a morte de Dona Gertrudes no ano de 1972, assume a coordenação do Ciclo do Marabaixo sua filha Natalina Costa. Esta deu prosseguimento à festa, entretanto, enfrentou um período de enfraquecimento e falta de apoio à manifestação. Relatos de jornais da década de 1980 noticiam ausência de jovens, indiferença do poder público e pouca participação popular. Mesmo

¹⁰ Verso atribuído a Dona Gertrudes, narrado por Tia Zezinha em entrevista concedida em 14 junho de 2014.

com todas essas intempéries, Dona Natalina não deixou de dar prosseguimento à promessa de sua mãe em homenagens à Santíssima Trindade, mostrando a resiliência do povo negro em manter suas tradições apesar dos governos, e não graças a eles (Adichie, 2019).

Atualmente, Dona Natalina enfrenta um sério problema de saúde, mas sempre que pode, participa dos principais momentos do festejo e ainda dança nas rodas de marabaixo com ajuda de familiares. Reconhecidos artistas amapaenses (Joãozinho Gomes e Val Milhome) compuseram uma música homenageando dona Natalina que sempre é cantada nas rodas de marabaixo em dia de festividade.

Natalina falou: gengibirra não é mole, não!
Natalina falou: gengibirra não é mole, não!
Se o nego beber demais, vai fazer zueira
Se perde pelo salão e adeus brincadeira
Eu vou, eu vou
Vou batendo o meu tambor
Tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum
Eu vou, eu vou
Vou batendo o meu tambor
Tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum (Mão de couro, 2013).

Fig. 4. Dona Natalina, participando do Marabaixo da Murta em 2014.



Fonte: Fábio Gomes, 2014.



Com o passar dos anos e agravamento de saúde de Dona Natalina, suas filhas assumiram a coordenação do Ciclo do Marabaixo. Marilda Silva da Costa¹¹ (filha de Dona Natalina e neta de Dona Gertrudes) toma a dianteira e assume a responsabilidade de dar continuidade à festividade. Marilda conseguiu ter um grau de escolaridade maior que suas progenitoras e formou-se em pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Amapá e trabalhou como diretora em diversas escolas.

Esteve à frente da coordenação por mais de 20 anos e liderou a institucionalização do grupo, ou seja, fez com que seus protagonistas formassem uma instituição reconhecida perante a sociedade e o Estado como Associação Cultural Berço das Tradições Amapaenses que passou a ser conhecido popularmente como Berço do Marabaixo. Em sua gestão o grupo adquiriu a imagem da Santíssima Trindade de antigos devotos da santa no interior do Estado do Pará, isso proporcionou ao grupo realizar os festejos todos os anos e não mais em regime de revezamento como acontecia no passado, pelo fato de ter uma única imagem da santa.

Marilda Costa além de assumir a liderança institucional tratando de assuntos burocráticos, exercia também uma espécie de liderança religiosa que não competia com a liderança do padre, mas a supria. No Marabaixo da Aleluia ela se dirigiu ao centro do barracão, fez um pequeno discurso de agradecimento a Deus e à santa por estarem realizando mais um festejo e, ao terminar, solicitou que todos orassem antes de iniciar o evento. Na ocasião, todos se deram as mãos e, sob sua liderança, rezaram um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Diante do exposto, é possível inferir que o Ciclo do Marabaixo no bairro Central de Macapá se mantém sob o protagonismo de mulheres de uma mesma linhagem familiar, passando essa liderança de geração em geração. Tal fato encontra eco em Edimilson Pereira (2007) que diz que o catolicismo de preto no Brasil geralmente é colocado em prática por núcleos familiares.

¹¹ Foi com tristeza que recebemos a notícia do falecimento de Marilda Costa em fevereiro de 2021. Aos seus familiares, amigos e a comunidade marabaixeira do Amapá, nossa solidariedade.

Fig. 5. Marilda Costa, Ciclo do Marabaixo de 2014.



Fonte: Márcia do Carmo, 2014.

5 À GUIZA DE CONCLUSÃO

A partir da etnografia e das memórias dos atores sociais do Marabaixo narradas ao longo desse trabalho, estamos autorizados a concluir que três mulheres negras foram importantíssimas para preservação e manutenção do Ciclo do Marabaixo realizado na cidade de Macapá, AP. O festejo realizado no bairro Central, iniciado por tia Gertrudes, tornou-se espaço de demonstração de fé e devoção que, além de dá sentido à vida, estreita laços de solidariedade e religiosidade e reafirma vínculos de parentesco e pertencimento étnico-racial, tornando-o expressão de um catolicismo negro no Amapá.

Nessa linha, conhecer trechos da história de vida de Dona Gertrudes (mãe), Natalina Costa (filha) e Marilda Costa (neta) é, por um lado, um ato de resistência ao apagamento das histórias e saberes produzidos por pessoas negras e, por outro, valoriza o protagonismo que essas mulheres negras da Amazônia amapaense desempenharam à frente do Ciclo do Marabaixo na cidade de Macapá.



Em última análise, sabe-se que sob essas mulheres estava o peso velado da opressão de classe, de gênero, de raça e de religião, apesar disso, elas não cessaram de criar estratégias para garantir suas crenças e praticar suas devoções. Assim, esses pequenos fragmentos de histórias de vida reais, inerentes ao catolicismo negro no Amapá, revelam que há outras histórias para além das oficiais, falar sobre elas é igualmente importante.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, Sheila Mendes; SALLES, Sandro Guimarães de. Marabaixo: identidade social e etnicidade na música negra do Amapá. In: VIII CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 2005, Teresina, PI. *Anais* [...]. Disponível em: <https://www.academia.edu/search?q=Marabaixo.%20Identidade%20social%20e%20etnicidade%20na%20m%C3%BAsica%20negra%20do%20Amap%C3%A1>. Acesso em: 2 mar. 2015.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANTERO, Alysson Brabo. Negras guerreiras do Ciclo do Marabaixo. In: CORDOVIL, Daniela (org.). *Religião, gênero e poder: estudos amazônicos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- ATAÍDE, João. O fortalecimento do Marabaixo. In: AMAPÁ (Estado). *Tambores no meio do mundo: o rufar da cidadania*. Macapá, AP: Secretaria de Estado de Política para o Afrodescendente, 2012.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê de registro Marabaixo*. Brasília, DF: IPHAN, 2018. Disponível: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf. Acesso em: 12 set. 2021.
- CANTO, Fernando. *A água benta e o diabo*. Macapá, AP: Fundação Cultural do Amapá (FUNDECAP), 1998.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 22. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FÉLIX, Rita. Sobre a mulher negra latino-americana e caribenha: a gente vai candando essa vida. In: *Cartilha Antirracista da Secretaria Especial de Direitos Humanos de Juiz de Fora*. Juiz de Fora, MG: Secretaria Especial de Direitos Humanos de Juiz de Fora, 2011.



GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 79-107.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010: amostra religião*. Brasília, DF: IBGE, 2010. Disponíveis em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 09 ago. 2021.

JACKSON, Alcir. *A cultura negra no Amapá: história, tradição e políticas públicas*. Macapá, AP: Editora Lê Arte, 2014.

LIMA, Wanda da Silva Xavier. *Ciclo do Marabaixo: permanência e inovações de uma festa cultural*. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

MAUÉS, Raimundo Herald. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém, PA: CEJUP, 1995.

MÃO DE COURO. Interprete: Emília Monteiro. Composição: Joãozinho Gomes e Val Milhomem. *In*: *Cheia de Graça*. YouTube, 2013. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=w3d_LjCWtyo&t=20s. Acessado em: 02 ago. 2021.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre cultura afrodescendente e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, Nunes. *Shairé e Marabaixo: tradições da Amazônia*. Recife: FUNDAJ; Editora Massagana, 1989.

RODRIGUES, Donizete. O antropólogo e o sagrado: trajetos etnográficos em contextos religiosos diferenciados. *In*: SILVEIRA, Emerson Sena da (org.). *Como estudar as religiões: metodologias e estratégias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SOUZA, Marina de Mello e. Batalhas rituais centro-africanas e o catolicismo negro no Brasil. *In*: JÚNIOR, Arnaldo Érico Huff; RODRIGUES, Elisa (orgs.). *Experiências e interpretações do sagrado: interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos*. São Paulo. Paulinas, 2012.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: Santos e Minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. *Afro-Ásia*, v. 28, p. 125-146, 2002.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo: dança afrodescendente, significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009.



SOBRE A AUTORIA

Marinilson Barbosa da SILVA

Pós-Doutor em Teologia Prática pela Faculdades EST, São Leopoldo-RS e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS). Atualmente, é professor Associado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atuando nos cursos de graduação em Pedagogia e Ciências das Religiões. É também professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR/UFPB), linha de pesquisa: Educação e Religião. Na pesquisa, dedica-se aos estudos sobre Formação de Lideranças, Formação de Professores, Ensino Religioso, Práxis Pedagógica e Pastoral com foco na Fenomenologia. É líder do Grupo de Estudo e Pesquisa FIDELID, certificado pela UFPB/CNPQ.

Alysson Brabo ANTERO

Doutorando, mestre e licenciado em Ciências da Religião (UFPB-UEPA). É membro do grupo de pesquisa Formação, Identidade, Desenvolvimento e Liderança de Professores de Ensino Religioso (FIDELID/UFPB), do Centro de Estudos de Religião, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES/UNIFAP) e da Associação de Cientistas da Religião do Pará (ACREPA). Atua como professor de Ensino Religioso na rede de ensino estadual do Amapá.

Marineide Felix de Queiroz BRITO

Doutoranda e mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduações em Psicologia e Administração pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). É membro do grupo de pesquisa FIDELID/UFPB. Atualmente é psicóloga em caráter efetivo na Policlínica Municipal de Goiana/PE com atendimento psicoterápico individual e em grupos.



SILVA, M. B.; ANTERO, A. B.; BRITO, M. F. Q.
Catolicismo Negro e protagonismo feminino na Amazônia Amapaense
| Artigo

Submissão: 23 de setembro de 2021

Avaliações concluídas: 20 de julho de 2022

Aprovação: 17 de agosto de 2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SILVA, Marinilson Barbosa.; ANTERO, A. B.; BRITO, M. F. Q. Catolicismo Negro e protagonismo feminino no Barracão de Tia Gertrudes na Amazônia Amapaense. Revista Temporis [Ação] (Periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 23, N. 01, p. 01-22, jan./jun., 2023. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>
Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>